

COMENTÁRIOS LITERÁRIOS, ESTILÍSTICOS E SINTÁTICOS SOBRE O *EPODO XI* DE HORÁCIO

Profa. Aline Chagas dos Santos (UERJ)

RESUMO: Augusto foi um governante admirável que, durante o longo tempo de seu império, fez com que a paz reinasse em Roma e com ela o mundo prosperasse. Pode-se considerar que durante seu império ocorreu o período mais produtivo da literatura latina.

Apesar de o imperador ter se esforçado em garantir o triunfo da tradição romana, os modelos preferíveis sempre foram as produções gregas. A influência do helenismo revelava-se nas obras de escritores como, por exemplo, Horácio, considerado o mais autobiográfico de todos os poetas latinos. Através de suas obras, o poeta deixa pistas valiosas a respeito dos diferentes momentos de sua vida.

Com perfeição, nitidez e precisão, Horácio compôs as Sátiras, os Epodos, as Odes, as Epístolas e o Canto Secular. Legou às letras latinas uma poesia ao mesmo tempo familiar, nacional e religiosa, que fizeram com que fosse considerado como modelo de virtudes clássicas de equilíbrio e medida.

A presente pesquisa tem como objeto a análise do Epodo XI, uma poesia confidencial dirigida a um amigo, a quem confessa sofrer por amor. O sentimento amor tem o sinônimo de sofrimento, tema que fazia parte do helenismo. Neste trabalho, serão feitos comentários literários, estilísticos e sintáticos sobre o Epodo horaciano selecionado.

Palavras-chave: Augusto; Horácio; *Epodo XI*

1. A ELEVAÇÃO DE CAIO OTAVIANO E A RESTAURAÇÃO DE ROMA

Caio Júlio César Otaviano, membro do último triunvirato da República, foi o primeiro imperador de Roma, recebendo do Senado, no ano 27 a.C, o título de Augusto (*Augustus*), que significa “magnífico” ou “venerado”. Nasceu em 24 de setembro de 63 a.C e foi adotado em 45 a.C por uma irmã de César.

Devido à morte de César, ele reivindicou a herança de seu pai adotivo e se tornou rival de Antônio, o então senhor de Roma. Em 43, formou, com Antônio e Lépido, o II Triunvirato, solução de compromisso que dividiu o mundo romano entre os triúnviros.

Um novo regime foi instalado, o principado: uma monarquia organizada atrás de uma fachada republicana. Novas instituições consolidaram o novo Estado: Augusto cercou-se de um Conselho Imperial, e o Senado, reformado, foi despojado de grande parte de seus poderes políticos. Criou também um corpo de funcionários nomeados e recrutados por ele: a ordem senatorial e a ordem equestre. Encontra-se, também, na reorganização das províncias, essa preocupação de centralização. Elas foram divididas, de um lado, em províncias imperiais, que necessitavam da presença de tropas, para onde o imperador enviava seus legados; e, de outro lado, em províncias senatoriais, pacificadas, que respondiam ao Senado.

Augusto se mostrava um grande administrador, principalmente quando procurava impedir a desordem, que atingia toda a Itália, abrindo novas estradas, restaurando Roma. “Tentou melhorar as condições de vida na Itália e fazer com que os pequenos proprietários tomassem a posse dos imensos latifúndios que se haviam acumulado nas mãos de alguns, assim como procurou revalorizar a família e a religião, pondo fim à decadência moral, que lentamente ia se alastrando” (LEI, Raquel L. M. de, 2005). Exercia funções religiosas, pois era o sumo pontífice, isto é, o chefe da religião romana. Manda construir novos templos, reaviva e incentiva velhas cerimônias religiosas e o culto das antigas divindades, ressuscita o velho culto da reverência ao imperador.

Durante o resto do longo reinado de Augusto, a paz reinou perfeitamente, e, através dela, o mundo prosperou. Pode-se considerar que nesse momento começa em Roma o auge da literatura latina, que se torna, então, a força operante do Estado Romano. O culto e o exercício literários passam a ser, até, sustento de alguns cidadãos romanos. Percebe-se o gosto pelas letras, que se desenvolve sempre mais. São formados círculos literários, onde a leitura pública torna-se importante fato social. Surgem as primeiras bibliotecas públicas, frequentadas pelos cidadãos romanos.

O florescimento da poesia tem como contexto o poder centralizado e a imortalidade do imperador é alcançada através da proteção concedida a poetas e literatos. É por esse motivo que a literatura latina cresce bastante nesta época.

1.1 Horácio e suas obras

Poeta epicurista preocupado em aproveitar a vida racionalmente para dela tirar o máximo (GIORDANI, 1987:244), Quintus Horatius Flaccus nasceu em Venússia, nos confins da Apúlia e da Lucânia, em oito de Dezembro de 65 a. C.

Seu pai era um escravo alforriado que lhe proporcionou sólidos estudos literários e filosóficos em Roma e Atenas.

Horácio serviu como tribuno militar no Exército de Brutus, derrotado em Filipos em 42. De volta a Roma, falido, já que as suas terras haviam sido confiscadas, reuniu o pouco que tinha, comprando o emprego de copista numa repartição administrativa. Mais tarde o poeta confessará que a pobreza o forçou a fazer versos para se evidenciar diante das pessoas que obtinham o poder. O poeta encontrou Virgílio, que o apresentou a Mecenas, a quem se ligaria por profunda amizade até a morte.

Entre as obras de Horácio, enumeremos as *Sátiras*, os *Epodos*, as *Odes*, o *Canto Secular* e as *Epístolas*.

Os *Epodos* ou *Iambi*, segundo o poeta, é a obra de sua juventude, escritos entre 41 e 30 a. C. A obra, composta por dois versos iâmbicos de comprimentos desiguais, no total de dezessete peças, representa a transição entre a sátira e a lírica.

Os *Epodos* horacianos podem ser: dirigidos contra pessoas; simplesmente agradáveis ou zombateiros (uso de ironia); cívicos (nestes enaltece o imperador Augusto ou um sentimento em relação à pátria); amorosos; báquicos. Essas peças são uma preparação para as *Odes*. Numa linguagem insolente, Horácio lança uma luz realista a vários aspectos da vida da época de Augusto. Segundo Jean Bayet (1972:243), em *Literatura Latina*, Horácio imitou o poeta grego Arquíloco cujos iambos mordazes ofereciam um modelo mais breve, mais artístico, novo em Roma, mas dentro da literatura latina, há um precedente para os *Epodos*: Lucílio. Sua fama era asfixiante para todo novo satírico romano.

O poeta também escreveu as *Sátiras* (34 a 30 a. C.), que abordam assuntos de Moral e de Literatura. As *Odes* (33 e 23 a. C.) que são a obra mestra do poeta, versando sobre os mais variados temas como a juventude, o amor, a alegria da vida, os prazeres do vinho, exaltação ao civismo e ao espírito patriótico. O *Canto Secular* (*Carmen Saeculare*) que é de inspiração patriótica e religiosa, composto para ser cantado por um coro de vinte e sete rapazes e vinte e sete

moças por ocasião dos jogos seculares, promovidos por Augusto no ano 17 a. C. As *Epístolas* (30 a. C.) que abordam assuntos que variam desde as discussões filosóficas e literárias até as cartas de amizade e de recomendação. A mais famosa das *Epístolas* é a *Arte Poética* (epístolas dirigidas aos Pisões), que reúne conselhos sobre a arte de bem escrever. Também pertence a esse período o quarto livro das *Odes* (13 a. C.)

Epicurista elegante e artista refinado, permaneceu independente, apesar da proteção de Augusto, e transmitiu às letras latinas uma poesia ao mesmo tempo familiar, nacional e religiosa, que fizeram com que fosse considerado pelos humanistas e, mais tarde, pelos clássicos, como o modelo de virtudes clássicas de equilíbrio e medida.

2. EPODO XI

2.1 Original latino

*Petti, nihil me sicut antea iuuat
scribere uersiculos amore percussum graui,
Amore, qui me praeter omnis expetit
mollibus in pueris aut in puellis urere.
Hic tertius December, ex quo destiti 5
Inachia furere, siluis honorem decutit.
Heu me, per urbem (nam pudet tanti mali)
fabula quanta fui! Conuiuiorum et paenitet
in quis amantem languor et silentium
arguit et latere petitus imo spiritus. 10
“Contrane lucrum nil ualere candidum
pauperis ingenium!” querebar adplorans tibi,
simul calentis inuerecundus deus
feruidiore mero arcana promorat loco.
“Quodsi meis inaestuet praecordiis 15*

*libera bilis, ut haec ingrata uentis diuidat
 fomenta uolnus nil malum leuantia,
 desinet inparibus certare summotus pudor.”
 Vbi haec seuerus te palam laudaueram,
 iussus abire domum ferebar incerto pede 20
 ad non amicos, heu, mihi postis et, heu,
 limina dura, quibus lumbos et infregi latus.
 Nunc gloriantis quamlibet mulierculam
 uincere mollitia amor Lycisci me tenet;
 unde expedire non amicorum queant 25
 libera consilia nec contumeliae graues,
 sed alius ardor aut puellae candidae
 aut teretis pueri longam renodantis comam.*

2.2 Tradução

Pétio, não me agrada, do mesmo modo que antes,
 Escrever versinhos, ferido por um grave amor,
 Por um amor, que pede que eu, mais que todos,
 Me inflame por rapazes delicados ou por moças.
 Este terceiro Dezembro, desde que deixei 5
 De estar louco de amor por Ináquia, deita por terra a beleza das florestas.
 Ai de mim, pela cidade (na verdade me envergonho de tamanho mal)
 Grande fábula fui! Arrependo-me dos banquetes
 Em que não só a fadiga, mas também o silêncio e a
 Respiração arrancada do fundo do peito revelam o amante. 10
 E contra o lucro nada pode o cândido sentimento
 Do pobre! Queixava-me chorando junto a ti,
 Ao mesmo tempo o deus desavergonhado
 Divulgara os segredos no lugar caloroso com o vinho mais aquecido.

“Ora se a fúria livre aquece-se em minhas entranhas, 15
 A ponto de que dispersem estes remédios ingratos aos ventos
 Que não diminuem a ferida maligna,
 O pudor afastado deixará de combater com os inimigos.”
 Quando, eu severo, exaltara diante de ti estas coisas,
 Fui obrigado a ir para casa, era levado com o pé indeciso até as 20
 Portas não amigas, ai! mas as duras portas,
 Nas quais feri os rins e o flanco.
 Agora me segura o amor de Licisco, que se vangloria
 De vencer com brandura a mulherzinha a seu gosto
 Daí não poderão me afastar os conselhos livres dos amigos 25
 Nem as graves injúrias,
 Mas outro ardor de uma moça cândida
 Ou de um rapaz bem elegante que solta a longa madeixa.

3. COMENTÁRIOS SOBRE O EPODO XI

3.1. Comentários literários

Os Epodos representam a transição entre as Sátiras e as Odes, escritos a partir de um desejo de dar vazão aos sentimentos pessoais do poeta.

Observamos que o sentimento amor no Epodo XI, tema que fazia parte do helenismo, tem o sinônimo de sofrimento. Horácio procura se resguardar desse sofrimento não se comprometendo, ou seja, não se dedicando a uma única paixão.

“A idéia de um engajamento sério e prolongado, a crença de que o amor é a realidade suprema lhe são estranhos. O que atrai é a beleza da forma, que oferece um espetáculo de harmonia e de graça.” (BRAUNER, 1992:34)

O Epodo XI é uma poesia confidencial dirigida a Pétio (um amigo) a quem confessa sofrer por amor. Por esse motivo, o poeta não encontra ânimo para continuar escrevendo, uma vez que teve uma decepção amorosa muito grande.

“Petti, nihil me sicut antea iuuat
scribere uersiculos amore percussum graui,
Amore, qui me praeter omnis expetit
mollibus in pueris aut in puellis urere. ” (v. 1-4)

Há uma integração do eu com a natureza, uma das características do gênero lírico, no momento em que Horácio associa sua tristeza (pelo fato de ter perdido Ináquia) à perda da beleza das florestas. Lembrando que a primavera é a estação que alude à juventude e ao amor. Observe:

“Hic tertius December, ex quo destiti
Inachia furere, siluis honorem decutit. (v. 5-6)

A seguir, o poeta é surpreendido pelas artimanhas da paixão, ficando sujeito a crises de cólera ciumenta e de raiva. Segundo Enzo Marmorale, em *História da literatura Latina*, “algumas vezes encontramos indícios de ciúme, mas há razão para acreditar que se trata apenas dum motivo literário, visto que se sente a falta de espontaneidade.” Observe os versos 15, 16 e 17:

“Quodsi meis inaestuet praecordiis
libera bilis, ut haec ingrata uentis diuidat
fomenta uolnus nil malum leuantia, (...)”

No verso 18 do Epodo, o poeta deixa de se arriscar numa luta onde Ináquia o condena a ser vencido pelos desiguais, ou seja, pelos rivais indignos dele:

“desinet inparibus certare summotus pudor.”

O poeta passa a cometer loucuras, como embriagar-se para esquecer seu desgosto. Percebemos isto através do *incerto pede* (pé indeciso, cambaleante), que o leva para as portas de Ináquia, onde nada consegue.

“iussus abire domum ferebar incerto pede
ad non amicos, heu, mihi postis et, heu,
limina dura, quibus lumbos et infregi latus.” (v. 20-22)

No verso 23, percebemos que Licisco, *pueri delicati*, conquista o poeta. O amor do jovem agora o retém. Horácio, depois de ter cometido desatinos por uma paixão que não valia à pena, declara que um novo amor acabaria com o seu problema.

“Nunc gloriantis quamlibet mulierculam
uincere mollitia amor Lycisci me tenet; (...)” (v. 23-24)

Horácio não se prende ao único amor, como já foi dito, e por isso, ao contrário de se dedicar a apenas Ináquia e de lhe permanecer fiel, está decidido a amar sem se comprometer com alguém:

“mollibus in pueris aut in puellis urere.” (v. 4)

Percebemos, no Epodo em estudo, uma voz central, o “Eu” lírico, que exprime seu próprio estado de alma, advindo daí o subjetivismo atribuído a este tipo de composição.

3.2. Comentários estilísticos

1. Personificação

“(…) **amore** percussum **grau**i,

Amore qui me praeter omnis expetit” (versos 2 e 3)

“(...) **amor** Lycisci me tenet;” (verso 24)

“(...) ut haec **ingrata** uentis diuidat

fomenta (...)” (versos 16 e 17)

Segundo Othon M. (GARCIA, 1971:80), em *Comunicação em prosa moderna*, há uma infinidade de metáforas constituídas por palavras que denotam ações, atitudes ou sentimentos próprios do homem, mas aplicadas a seres ou coisas inanimadas.

No Epodo em estudo, encontramos exemplos de personificação no verso 2, uma vez que o grave amor atinge o poeta além de pedir que este se abraça em rapazes delicados ou em moças. No verso 24, verificamos que o amor de Liciso pratica a ação de segurá-lo. Também percebemos a mesma figura no verso 17, visto que os remédios (*fomenta*) recebem características humanas como, por exemplo, “íngratos” (*ingrata*).

2. Metáfora

“**fabula quanta** fui!” (verso 8)

Percebemos a metáfora no verso 8, quando o poeta se compara, implicitamente, ao assunto ou ao objeto da conversa.

3. Comparação

“Petti, nihil me **sicut antea** iuuat

scribere uersiculos (...)” (versos 1 e 2)

Percebemos que há uma comparação no primeiro verso do Epodo, através da conjunção comparativa *sicut*. O poeta faz uma comparação entre o gosto que tinha antes, em escrever os versinhos, e o gosto de agora (praticamente nenhum gosto).

4. Antítese

“ad non **amicos** (...) postis et, heu,
limina **dura** (...)” (versos 21 e 22)

Nos versos 21 e 22 encontramos os adjetivos *amicos* e *dura* que se opõem pelo sentido. *Postis* (portas) recebe uma característica agradável, favorável (*amicos*), ao passo que *limina* (portas) recebe uma característica desagradável (*dura*).

5. Cavalgamento

“(...) nihil me sicut antea iuuat
scribere uersiculos (...)”  (versos 1 e 2)

“(...) haec ingrata uentis diuidat
fomenta uolnus (...)”  (versos 16 e 17)

As palavras deslocadas para o verso seguinte, como vemos, adquirem, com isso, um realce extraordinário.

6. Anáfora

“(...) **aut** puellae candidae
aut teretis pueri (...)” (versos 27 e 28)

Em “(...) aut puellae candidae / aut teretis pueri (...)”, temos um efeito anafórico fornecido pela morfologia latina, através da conjunção *aut*.

7. Paralelismo

“(...) **ferebar** incerto pede”
ad non amicos, heu, mihi postis et, heu,
limina dura, (...)” (versos 20, 21 e 22)

Observamos que o verbo *ferebar* (era levado) está ligado a *ad non amicos(...) postis* e a *(ad) limina dura*. As duas expressões têm o mesmo valor sintático: acusativo de movimento. Observamos que o paralelismo é uma forma de construção simétrica.

8. Assonância

“**Hic tertius December, ex quo desti**

Inachia furere, siluis honorem decutit.” (versos 5 e 6)

A musicalidade é um dos fenômenos estilísticos mais típicos da composição lírica, obtida através do ritmo e dos meios sonoros da língua como, por exemplo a assonância, isto é, a repetição das vogais “e” e “i” nos versos 5 e 6.

9. Aliteração

“(...) arguit **et latere petitus imo spiritus.**” (verso 10)

Também há uma exploração da sonoridade por meio da aliteração em t, p e s. Geralmente, os poetas utilizam a aliteração para sugerir ruídos da natureza. Neste caso, Horácio pode ter utilizado a fricativa (s) para sugerir sopro (*latere*) e as oclusivas (p e t) para sugerir pancada, ataque (*petitus*).

10. Grande número de nomes próprios

“**Petti**, nihil me (...)” (verso 1)

“(...) **Inachia** furere, siluis (...)” (verso 6)

“(...) amor **Lycisci** me tenet;” (verso 24)

O grande número de nomes próprios é uma das características da poesia Alexandrina. No Epodo XI, encontramos três nomes próprios: *Petti* (Pétio), *Inachia* (Ináquia) e *Lycisci* (Licisco).

11. Menção às partes do corpo

“Quodsi meis inaestuet **praecordiis**

libera bilis (...)” (versos 15 e 16)

“(...) ferebar incerto **pede**” (verso 20)

“(...) pueri longam renodantis **comam.**” (verso 28)

Horácio tem o costume de fazer menção às partes do corpo (“entranhas”, “pé” e “cabelo”), uma das características do gênero lírico, como ficam explícitos nos versos 15, 20 e 28.

3.3. Comentários sintáticos

Orações subordinadas

No período composto por subordinação as orações estabelecem uma relação de dependência sintática: há uma oração principal e uma ou mais orações subordinadas que desempenham uma função sintática em relação à principal. Podemos dividir as orações subordinadas em:

1. Orações completivas
2. Orações circunstanciais ou adverbiais
3. Orações relativas

1. As orações completivas ou substantivas costumam completar o sentido do verbo da oração principal, desempenhando as funções em geral representadas pelos substantivos, ou seja, as funções de sujeito ou de um objeto. Observe os dois exemplos retirados do Epodo:

- a) “Petti, nihil me (...) **iuuat scribere uersiculos** (...)” (verso 1)

Sabemos que, em latim, há verbos que exigem orações subordinadas reduzidas de infinitivo, cujo sujeito se achará no acusativo. Percebemos que, na oração selecionada, o verbo *iuuat* pertence à oração principal, já o sujeito da oração subordinada *me* acha-se no acusativo, acompanhado do infinitivo *scribere*. Segundo Ernesto (FARIA, 1958:414), trata-se de uma oração infinitiva subjetiva, uma vez que este tipo de oração é empregado não só com os verbos impessoais, mas também com expressões impessoais, como, por exemplo *iuuat* “ser agradável”.

- b) “Amore, qui me praeter omnis expetit
mollibus in pueris aut in puellis urere.” (versos 3 e 4)

Observamos uma oração infinitiva objetiva, complemento do verbo *expetit* da oração principal. *Expetit* é um verbo que exprime uma manifestação da vontade, sendo conhecido como *uerbum uoluntatis*. O sujeito da oração subordinada *me*, que se refere ao poeta, encontra-se no acusativo, acompanhado do infinitivo *urere*.

2. As orações circunstanciais ou adverbiais desempenham a função de um adjunto adverbial (denotando as circunstâncias de fim, de causa, de consequência, de concessão, de tempo, de comparação e de condição). No epodo XI, selecionamos três exemplos de orações subordinadas adverbiais. Observe:

- a) Oração condicional

“Quodsi meis inaestu et praecordiis

libera bilis (...) / desinet inparibus certare summotus pudor.” (versos 15 – 18)

Percebemos que a oração subordinada adverbial condicional exprime circunstância de condição, entendida como uma obrigação que se impõe ou se aceita para que determinado evento se realize. A conjunção típica para a expressão dessa circunstância é *si* (“se”) nas frases afirmativas, como no exemplo supracitado.

b) Oração comparativa

“Petti, nihil me **sicut antea** iuuat” (verso 1)

As orações comparativas exprimem circunstância de comparação. A comparação, como no exemplo citado, indica igualdade, construindo-se com o verbo no indicativo. Verificamos que a oração subordinada adverbial comparativa é introduzida pela conjunção *sicut* (“assim como”).

c) Oração temporal

“**Vbi** haec seuerus te palam laudaueram,
iussus abire domum ferebar incerto pede (...)” (versos 19 e 20)

A conjunção *ubi* (“quando, no momento em que”) introduz a oração temporal, que exprime a noção de tempo. Segundo o gramático Ernesto (FARIA, 1958:442), é natural que, na maioria das vezes, as orações temporais se construam com o modo indicativo, já que exprime um fato real.

3. As orações relativas ou adjetivas são introduzidas por um pronome relativo. Eles têm a função de explicar ou qualificar o antecedente a que estão ligadas. Observe um exemplo de uma oração adjetiva retirada do Epodo:

“limina dura, **quibus** lumbos et infregi latus.” (verso 22)

O relativo *quibus* é usado para indicar lugar. O pronome retoma o termo da oração que já apareceu antes (*limina dura*), projetando-o em outra oração. O termo *limina dura* que antes exercia a função de acusativo de movimento, passa a exercer agora a função de adjunto adverbial de lugar onde, ou seja, de um ablativo de lugar na oração relativa.

Ablativo

- a) “(...) **amore** percussum **grauī**” (verso 2)

Agente da passiva inanimado acompanhado do verbo *percussum* no particípio. Este encontra-se no acusativo, visto que faz parte de uma oração reduzida de infinitivo. *Amore graui* só não recebe preposição porque é um ser inanimado.

- b) “(...) qui me praeter omnis expetit
mollibus in **pueris** aut in **puellis** urere.” (versos 3 e 4)

Observamos um ablativo de lugar, pois o poeta revela que o grave amor pede para que ele se abraça em rapazes delicados ou em moças. A preposição *in* aparece para reforçar o lugar onde encontrará a paixão.

- c) “**feruidiore mero** arcana promorat loco” (verso 14)

Encontramos, neste verso, o ablativo de instrumento *feruidiore mero* que é o meio empregado para fazer uma ação. Através do vinho mais ardente, o poeta deixará escapar os segredos do coração apaixonado.

- d) “(...) **meis** inaestuet **praecordiis** (...)” (verso 15)

Encontramos também um ablativo de lugar, indicando onde a indignação livre se aquece.

- e) “desinet **inparibus** certare (...)” (verso 18)

Percebemos que *inparibus* é um ablativo de companhia. Segundo Ernesto (FARIA, 1958:358), o antigo instrumental sociativo indica o adjunto circunstancial de companhia, vindo geralmente acompanhado da preposição *cum*, cujo emprego, entretanto, não é de caráter obrigatório.

f) “(...) ferebar **incerto pede**” (verso 20)

Pede incerto, por ser um adjunto adverbial de modo (ablativo de modo), intensifica o sentido do verbo *ferebar*. Mostra o modo de como era levado.

g) “uincere **mollitia** (...)” (verso 24)

Verificamos que se trata de um ablativo de modo, pois é a maneira que encontra para vencer.

Acusativo

a) “ scribere **uersiculos** (...)” (verso 2)

Encontramos um acusativo de objeto ou complemento direto, que completa a significação de um verbo transitivo direto, ou seja, quem escreve, escreve algo.

b) “(...) **arcana** promorat (...)” (verso 14)

Arcana (segredos) exerce a mesma função de *uersiculos*, pois este acusativo indica o objeto sobre o qual se dirige uma ação verbal. O termo *arcana* completa diretamente o sentido do verbo transitivo direto, sendo, assim, denominado objeto direto.

c) “(...) iussus abire **domum** (...)” (verso 20)

Trata-se de um acusativo de movimento, pois indica o termo para o qual tende um movimento. Quando se trata de *domus*, a preposição é dispensada.

d) “(...) ferebar incerto pede

ad non amicos, heu, mihi **postis** et, heu,

limina dura (...)” (versos 20, 21 e 22)

Ao contrário do acusativo de movimento *domum*, os acusativos de movimento *amicos postis* e *limina dura* recebem a preposição ‘ad’ que indica aproximação. É uma preposição só usada com acusativo.

Dativo

a) “(...) *querebar adplorans tibi* (...)” (verso 12)

Adplorans é um particípio presente do verbo *adplorare* (chorar com ou junto a alguém) que se constrói com o dativo. Geralmente o verbo composto com o preverbo ‘ad’ se constrói com o dativo.

b) “(...) *haec ingrata uentis diuidat*” (verso 16)

Encontramos o dativo *uentis*, exercendo a função de objeto indireto ou complemento indireto do verbo transitivo *diuidat*, acompanhando também o objeto direto *haec ingrata*.

Genitivo

a) “(...) (*nam pudet tanti mali*.)” (verso 7)

O genitivo de preço, segundo o gramático Ernesto (FARIA, 1958:347), é usado para indicar que a avaliação é feita de um modo mais geral, sendo particularmente frequente com o genitivo de pronome indefinido quantitativo como *tanti*. É como ocorre no exemplo selecionado.

b) “(...) *amicorum* (...) / *consilia libera* (...)” (versos 25 e 26)

Amicorum exerce a função de um genitivo adnominal, cujo valor é subjetivo, visto que representa o sujeito.

Um grande nome da poesia latina havia surgido com obras de grande valor em Roma de Augusto: Horácio. O poeta, que, com êxito, utilizou a estrofe lírica composta de versos desiguais,

o Epodo XI, para confessar, a um amigo, que sofre por amor. A partir daí verificamos a subjetividade, característica do gênero lírico, uma vez que o poeta exprime, com certa emoção, seus sentimentos pessoais e anseios.

Para o poeta Horácio, esse amor violento ocasionava uma incapacidade de escrever. Por esse motivo, para ele, os amores provisórios e fáceis são provas de sabedoria, uma vez que não se comprometendo, haveria liberdade.

No Epodo em estudo, verificamos que este amor, sinônimo de sofrimento, é intenso. Encontramos palavras como, por exemplo, “gravi”, “amantem”, “feruidiore”, “seuerus”, “bilis”, “urere”, “furere”, “inaestuet” que fazem parte do campo semântico do amor grave (aquele que fere o poeta.)

O poeta recorre a alguns temas da poesia alexandrina, apesar de inicialmente criticá-la. Embora se inspirasse em autores gregos, Horácio foi autêntico, adaptando a poesia à sua maneira de pensar e também ao pensamento romano.